Revista África e Africanidades, Ano XVI, ed. 47-48, ago. a nov. 2023 – ISBN 1983-2354
www.africaeafricanidades.com.br

ANÁLISE DE "*CORES E BOTAS*" SOB A PERSPECTIVA DE FANON

Marcos Paulo de Araújo Barros[1]
Marisa Aparecida Loures de Araújo Barros[2]

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer uma breve análise do curta-metragem brasileiro *Cores e botas,* da cineasta Juliana Vicente, com a colaboração das premissas cunhadas por Frantz Omar Fanon, no livro *Pele negra, máscaras brancas.* A meta, com isso, é fazer uma reflexão sobre a influência que conteúdos midiáticos exercem sobre o seu público-alvo, bem como sobre a inferiorização dos negros a partir do racismo. Na história do curta, a protagonista é Joana, uma menina negra, de família bem-sucedida, que sonha em ser paquita da apresentadora Xuxa Meneghel. No entanto, o problema é que nunca houve uma ajudante de palco de Xuxa que não fosse branca e loira. O caminho traçado neste trabalho revela que a segregação racial do Brasil, estruturado sobre o mito de uma democracia racial, reverbera-se na mídia, onde a representação dos negros não é muito diferente do que ocorre na realidade. Eles ocupam o pior lugar da estrutura social. Tendo como base os pensamentos do filósofo martinicano, procurar-se-á mostrar que o negro é colocado no lugar de um sujeito colonizado e, ao ser influenciado pela mídia, chega a sofrer por não ser branco. O discurso do colonizador se insere de maneira muito severa no contexto do colonizado a ponto de este, estando mais próximo do branco, desejar ocupar um lugar de autoridade. Defende-se que tal busca de branqueamento é vista na obra de Juliana Vicente. Ainda como aporte teórico, este artigo conta com trabalhos acadêmicos que lançam um olhar crítico acerca de questões, como racismo, branquitude e representação do negro na mídia.
Palavras-chave: branquitude, inferioridade dos negros, negritude, racismo.

ANALYSIS OF "COLORS AND BOOTS" FROM FANON'S PERSPECTIVE

Abstract: The objective of this article is to make a brief analysis of the Brazilian short film *Colors and boots*, by filmmaker Juliana Vicente, with the collaboration of the premises coined by Frantz Omar Fanon, in the book *Black skin, white masks*. The goal, therefore, is to reflect on the influence that media content has on its target audience, as well as on the inferiorization of black people due to racism. In the story of the short, the protagonist is Joana, a black girl from a successful family, who dreams of being a paquita for presenter Xuxa Meneghel. However, the problem is that there has never been a Xuxa stage assistant who wasn't white and blonde. The path traced in this work reveals that racial segregation in Brazil, structured on the myth of a racial democracy, reverberates in the media, where the representation of black people is not very different from what occurs in reality. They occupy the worst place in the social structure. Based on the thoughts of the Martinican philosopher, we will try to show that black people are placed in the place of a colonized subject and, when influenced by the media, they come to suffer for not being white. The colonizer's speech is inserted very severely into the context of the colonized to the point that the latter, being closer to the white person, wishes to occupy a place of authority. It is argued that such a search for whitening is seen in the work of Juliana Vicente. Still as a theoretical contribution, this article relies on academic works that take a critical look at issues such as racism, whiteness and representation of black people in the media.

Keywords: whiteness, inferiority of black people, blackness, racism.

---

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.
[2] Mestra em Letras, área de concentração Teorias da Literatura e Representações Culturais, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que se estruturou sobre o mito de uma democracia racial, isto é, por anos, propagou-se a crença de que as relações entre as raças são harmoniosas e de que a cor da pele nunca foi relevante para se definir as chances de uma pessoa. Mas, quando se olha para a construção da sociedade brasileira, é possível perceber que suas bases estão calcadas em um fosso que separa racialmente e socialmente suas populações. Apesar de cerca de 54% da sua população, conforme dados do IBGE[3], considerarem-se pretas ou pardas, os negros precisam se valer do mundo dos brancos para marcar sua posição na sociedade. Com base nas ideias propostas pelo filósofo Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas (2008)*, que inspira análises acerca das formas de superioridades provocadas nas sociedades modernas, principalmente no tocante ao racismo e ao colonialismo que imperou no período posterior à segunda Guerra Mundial, o presente artigo pretende analisar o curta-metragem *Cores e botas* (2010), da cineasta Juliana Vicente.

A obra, com 16 minutos de duração e disponível no YouTube, narra a história da pequena Joana, uma menina que sonha em ser paquita, mas precisa enfrentar muitos obstáculos no caminho apenas por ser negra e não ter aparência considerada "necessária" para ser uma das ajudantes de palco da apresentadora infantil que comandava o *Xou da Xuxa.* Atualmente, a rainha dos baixinhos, como era conhecida Xuxa Meneghel, não é mais tão popular entre o público infantil quanto era na década de 1980. Ainda assim, o fenômeno que ela representou para milhões de crianças brasileiras, tema abordado pelo curta-metragem, serve de gatilho, quatro décadas depois, para a discussão acerca da falta de representação das pessoas negras em um país que foi forjado graças à chegada não voluntária dos negros neste território. Chegada esta que foi inserida em um processo econômico e extremamente violento.

Ressalta-se que o Brasil foi o último país da América a fazer a abolição, mas, como apontam os movimentos negros espalhados pelo país, ela é incompleta, porque as pessoas negras ainda esperam uma compensação para mais de quatrocentos anos de trabalho escravizado. A suposta democracia racial, sob a qual tenta se esconder o racismo, colabora para a existência de vários mecanismos de exclusão da população negra que estão presentes no mercado de trabalho, na educação, enfim, em todas as esferas da vida social. Mecanismos que podem ser percebidos de forma cruel na violência existente nas comunidades periféricas, assim como na forma de inferiorização das pessoas negras.

De acordo com Fanon (2008), que aborda o negro antilhano em sua obra, essa imagem de inferiorização é produzida e reproduzida sobre uma verdade engendrada por meio de discursos da branquitude. É a partir dessa inferiorização que o negro se autorregula, mantendo-se em seu espaço. Fanon (2008) retrata que, até 1940, nenhum

[3] Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. Jornal da USP. São Paulo. 2020. Disponível em: https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/ Acesso em: 20 mar. 2022.

antilhano era capaz de se considerar "preto". O autor supõe que a negação do branco perante o negro vai além da epiderme. Trata-se também de aspectos sexuais e biológicos. Ele, o branco, como aponta o autor, tem a necessidade de se defender deste diferente, ou seja, de caracterizar o outro, em uma ação que se configura como inventário do real.

> O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste "diferente", isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos. (Fanon, 2008, p. 147)

Com a colaboração das premissas cunhadas por Fanon em *Pele negra, máscaras brancas,* o objetivo deste artigo é também entender, por meio da narrativa do curta-metragem de ficção *Cores e Botas,* um pouco mais sobre a influência que conteúdos midiáticos possuem sobre o seu público-alvo e, o mais importante, refletir sobre a inferiorização dos negros a partir do racismo, resquício do Brasil colonial, pensando a questão da formação do sujeito em meio a esse processo. Para Fanon, "é o racista que cria a inferioridade" (Fanon, 2008, p.90).

Segundo o autor, o negro sofre por não ser branco, na medida em que o homem branco lhe impõe uma discriminação, fazendo dele um colonizado. O branco extirpa-lhe qualquer valor, qualquer originalidade, e deseja que ele seja um parasita no mundo. "Sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo" (Fanon, 2008. p.94)

2. "QUERER É PODER"

O filme *Cores e Botas* (2010) é um curta-metragem brasileiro que já foi apresentado em mais de 15 festivais e que recebeu mais de cinco prêmios, como no Festival Iberoamericano de Cortos – "Imagines jovenes" – Premiação dos Jurados Jovens. A obra é roteirizada e dirigida por Juliana Vicente, que é fundadora da Preta Portê Filmes e é regularmente citada entre as mais importantes realizadoras do cinema brasileiro contemporâneo. O curta conta com a presença dos atores Bruno Lourenço (irmão), Dani Ornellas (mãe), Jhenyfer Lauren (Joana) e Luciano Quirino (pai) como elenco principal. A narrativa possui apenas 16 minutos, mas é carregada de reflexões.

A protagonista do curta é Joana, uma menina de cerca de oito ou nove anos, que é vítima de racismo ao perseguir o sonho de ser paquita. O conflito do filme está no fato de que Joana é negra e todas as paquitas são brancas e com cabelos loiros. Dessa forma, a branquitude era o primeiro crivo para aquelas que quisessem concorrer ao cargo de paquita. Ser uma menina branca e de cabelos loiros era uma regra explícita para participar da seleção para o time escolhido a fim de trabalhar com a apresentadora.

Neste ponto, é bom ressaltar que, entre 1986 e 1992, as crianças brasileiras assistiam a um dos mais famosos programas infantis de variedades da TV aberta nacional, o chamado *Xou da Xuxa*. O programa matinal, exibido pela TV Globo, nunca

teve assistentes de palco negras. Vale ainda registrar que, mais adiante, Xuxa Meneghel apresentou o Xuxa Park (1994 a 1999) e o Planeta Xuxa (1997 a 2002), sendo que, somente no último, contratou a assistente de palco negra Adriana Bombom, que, de forma perceptível, dentro da atração, não gozava do mesmo *status* das paquitas. Além disso, era marcada pelo apelido racial "Bombom", que faz menção ao chocolate e à cor da pele da assistente.

No filme, enquanto a menina Joana vive a fantasia racista de ser paquita, sua família negra de classe média insiste no discurso de que é possível conquistar tudo que se deseja por meio do trabalho. Renato Nogueira e Luciana Pires Alves, no artigo *Infâncias diante do racismo: teses para um bom combate* (2019), também fazem uma análise do curta-metragem *Cores e Botas*. Os estudiosos argumentam, fazendo uma referência ao marxismo, que a família de Joana opera dentro da lógica de que é através do trabalho que o ser humano impulsiona, regula e controla seu intercâmbio com a natureza.

Para os autores, a família de Joana entende que é preciso trabalhar para que os desejos sejam conquistados e, assim, dá todo o apoio à menina em sua empreitada para se tornar uma paquita. Contudo, os autores ressaltam que, dentro do contexto capitalista, é ingênuo estabelecer um nexo causal entre trabalho e conquista do desejo. Tanto é que a pequena Joana se esforça para fazer uma boa apresentação no seu teste para paquita, mas não consegue ter êxito, uma vez que não possui a aparência necessária para ocupar o cargo.

"Querer é poder" (Cores..., 2010), sussurra a protagonista depois de ter ensaiado e se preparado e de estar toda caracterizada e confiante para realizar o teste. Nessa cena do filme, a menina dança ao som da música *Lua de Cristal*, um dos sucessos da apresentadora Xuxa. A canção tem como tema a necessidade de acreditar e de "correr atrás dos sonhos" (Cores..., 2010), de se esforçar e jamais desistir. Joana se empenha, faz a parte dela, chegando, inclusive, a ser a concorrente de maior destaque, mas o sonho não acontece. A aprovada na competição é a amiga que não sabe dançar tão bem quanto ela, mas tem a pele branca e os cabelos loiros.

Depois da decepção de ser eliminada na seleção para concorrer ao papel, a garota fica triste, mas se torna consciente. Ela diz: "(...) acho que não vou poder ser paquita (...) eu não sou loira" (Cores..., 2010). Joana descobre que, sendo negra, nunca poderá ser aceita para a função, ainda que seu pai e sua mãe digam que ela pode ser tudo o que quiser. Nesse ponto, é possível afirmar que, com a frustração pelo resultado do teste, a garota compreende que o racismo é que foi responsável por sua exclusão. Importante destacar que o irmão de Joana é o único membro da família que, em determinado momento do filme, critica o comportamento da menina, mas é repreendido pelo pai, que alega que, na época dele, ninguém criticava o seu interesse pelo programa do Fofão[4]. "Não é questão de sorte. Ela não vai ser paquita. [...] Parece que vocês não percebem: a gente não é assim" (Cores..., 2010), dispara o menino, que logo é advertido pela mãe. "Você está exagerando" (Cores..., 2010).

[4] Fofão foi uma personagem fictícia dos extintos programas de televisão infantis brasileiros Balão Mágico e TV Fofão.

Joana descobre que não pode ser branca e, no fim do filme, joga vários pares de botas de paquita no lixo e os fotografa, descobrindo uma nova paixão: a fotografia. Daí em diante, a menina vai correr em busca de outro sonho: o de ser fotógrafa. Ao ser questionada pelo irmão sobre as botas jogadas no lixo, Joana responde: "Fotógrafa não precisa de bota" (Cores..., 2010). Em uma leitura possível desse trecho do filme, pode-se afirmar que esse é o momento em que a protagonista entende que, para ser fotógrafa, não precisa ser branca.

Renato Nogueira e Luciana Pires Alves apontam que o desejo de ser paquita para uma menina negra funciona como um alerta para as brutalidades que afetam as infâncias negras. No caso da personagem Joana, os autores refletem que, ao trocar o sonho de ser ajudante de palco da Xuxa pelo de ser fotógrafa, a criança encontra uma forma de enfrentamento do racismo, conseguindo contra-atacar um sistema que coloca mercadorias — a coleção de botas que reflete o desejo de ser paquita — como promessa de alegria. Todavia, esse processo de troca resulta em tristeza e decepção quando tais mercadorias não estão ao alcance.

3. BUSCA POR EMBRANQUECIMENTO

Quando se observa as atitudes da família de Joana, é possível perceber que os pais da menina fazem de tudo para que a criança se aproxime ao máximo do mundo dos brancos. Além da coleção de botas, o quarto da menina é cheio de acessórios com referências à apresentadora, como cartazes, brinquedos e discos. Ao acompanhar a história, o espectador também percebe que Joana estuda em uma boa escola, uma vez que sua família tem poder aquisitivo para pagar por sua educação, mas a menina aparece como a única estudante negra na instituição.

Tal abordagem do filme, em uma leitura possível, pode ser identificada com a ideia de Fanon na abertura de *Pele negra, máscaras brancas*, no qual ele apresenta como problema a seguinte situação: "o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa" (Fanon, 2008, p.34). O autor ainda aponta que, "quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será" (Fanon, 2008, p.34). Fanon destaca que existe uma extraordinária potência do negro (colonizado) antilhano perante seus pares ao tomar posse da linguagem do colonizador. Desse modo, é possível perceber que os negros colonizados fluentes e na posse da língua do colonizador, melhor serão "bem vistos" perante os franceses, bem como frente aos seus pares. Nesse sentido, é possível compreender que uma das marcas do colonialismo é a linguagem, arquitetada por meio de uma suposta superioridade.

> O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no

> desenvolvimento do macaco até o homem. São evidências objetivas que dão conta da realidade (Fanon, 2008, p.33).

Se para o negro antilhano estudado por Fanon o ideal é dominar a língua francesa para que ele seja quase-branco, dentro do universo de *Cores e botas*, para a pequena Joana e seus pais, ser paquita é o ingresso para que a menina e sua família entrem no mundo dos brancos. "Compreende-se então que o negro, quando do anúncio de sua iniciação à França (como se diz de alguém que se inicia em algum setor da vida social), enche-se de júbilo (Fanon, 2008, p. 37).

Outro elemento presente no filme que remete à ideia que de que a família da protagonista busca por um embranquecimento está no fato de que é servida por uma empregada branca, o que mostra que eles, entre as leituras possíveis, são diferentes dos outros negros. Fanon ressalta em sua obra que os antilhanos não se consideravam iguais aos negros senegaleses, uma vez que, em sua subjetividade, eles detêm o sentimento de "evolução" ou, em outras palavras, seriam "evoluídos", por estarem mais próximos aos brancos, gerando então uma autoridade maior sobre os demais senegaleses considerados "não evoluídos". Assim, "os antilhanos desprezam a infantaria senegalesa e reinam sobre a negrada como senhores incontestáveis" (Fanon, 2008, p.41).

Neste ponto, faz-se necessário mencionar que Fanon observa em seu livro que o colonizado, enquanto desejo, residia em ter os brancos sob a sua ordem. Ele queria ser temido ou respeitado, configurando um processo de oprimido a opressor. Assim, na visão do filófoso, o negro enquanto chefe vinga-se da imagem que teve ao longo de sua vida, de ser um "preto" humilhado pelo senhor branco, vivendo sempre com medo. Levando em consideração essa proposição de Fanon, é possível compreender por esse viés o trecho do curta-metragem em que a família de Joana está à mesa, sendo servida por uma empregada branca. Enquanto a mulher dispõe sobre a mesa os pratos de comida, para servi-los, no diálogo entre o chefe da casa e o filho, ouve-se a conversa na qual o jovem questiona sobre as atitudes de Joana, e o pai responde: "Eu acho ótimo. É sempre bom encarar pequenos desafios. É isso aí, trabalhar. Se preparar para o sucesso" (Cores..., 2010). Neste contexto, a cena permite, entre as leituras possíveis, a visão de que a família de Joana, por meio do trabalho, alcançou o sucesso, o que lhe permite ter uma mulher branca como empregada doméstica, em uma tentativa de aproximar a família ainda mais do mundo dos brancos.

Outra passagem de *Cores e Botas* que evidencia a busca pelo branqueamento está no trecho em que Joana, interessada em se parecer com as moças que parecem delinear o que a TV insiste em apontar como padrões de beleza, tenta pintar seu cabelo de amarelo. Enquanto o filme mostra a menina preparando uma bacia com água para retirar a tinta do papel amarelo, com o qual ela planeja tingir seus cabelos, a televisão no quarto da criança está ligada no programa da Xuxa. Neste momento, é possível perceber que a apresentadora infantil está falando sobre mais uma candidata loira ao posto de paquita. Ela diz que a garota precisou emagrecer cinco quilos para poder participar da seleção, evidenciando, dessa forma, mais uma brutalidade cometida contra as crianças que faziam parte do público da atração televisiva.

Em entrevistas recentes, questionada sobre o fato de escolher, para o posto de ajudante de palco, apenas meninas brancas, Xuxa Meneghel reforçou que o padrão de beleza da época é que ditava os critérios da seleção. “Quando elas vinham com seus cabelos pretos lindos, ou castanhos, eu pedia muito para que não mudassem a cor do cabelo, e elas acabavam fazendo isso porque elas viam que tinha mais espaço para as meninas loiras”, afirma a apresentadora, destacando que era preciso oferecer o que as crianças queriam consumir. “Antes de falar de paquita, tinha que falar das princesas, mas não tinha nenhuma princesa negra […]”, disparou ela, procurando esquivar-se da responsabilidade pela seleção. “Não é legal as pessoas botaram a culpa no meu colo, dizer a Xuxa só tinha paquita loira [...]. A Xuxa só tinha [...] o que era imposto para as crianças como uma coisa normal e natural” (Bernardes, 2020), minimizou.

Essa busca pela brancura é narrada, sobre outro viés, também por Fanon, no trecho de *Pele negra, máscaras brancas,* em que ele oferece ao leitor exemplos nos quais busca defender que a colonização é fator decisivo no papel de fazer o negro sentir-se branco. Um desses exemplos, como o autor destaca, recai na relação de homens/mulheres brancas e mulheres/homens negros. Com o objetivo de explicar a relação da mulher negra com o homem branco, Fanon utiliza o romance autobiográfico *Je suis Martiniquaise,* cuja autora, Mayotte Capécia, é negra e vive em seu cotidiano uma relação com um homem branco.

De acordo com Fanon, o romance narra a história de Mayotte, que ama um branco e por ele aceita tudo. Ele é como um senhor para a protagonista. Mas ela somente exige um pouco de brancura. O romance citado apresenta que, além do amor das mulheres pelos homens brancos, o que elas realmente amavam era a oportunidade de serem/estarem com os homens brancos, principalmente por seus olhos azuis e cabelos louros.

> Pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar “a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram”, mas para assegurar sua brancura. [...] O importante é não sombrear de novo no meio da negrada, e qualquer antilhana se esforçará em escolher, nos seus flertes ou relações, o menos negro. Algumas vezes, para desculpar um mau investimento, é obrigada a lançar mão de argumentos como este: “Fulano é negro, mas a miséria é mais negra do que ele.” Conhecemos muitas compatriotas, estudantes na França, que nos confessaram com toda a candura, uma candura toda branca, que não poderiam casar-se com um negro (ter escapado e voltar atrás? Ah, não, obrigada!) Aliás, acrescentavam, não é que neguemos ao negro qualquer valor, mas é melhor ser branco (Fanon, 2008, p.57-58).

Como Fanon destaca, esses discursos são produzidos por uma parte dos negros que engendram o embranquecimento da raça como sendo uma espécie de “salvação", ou seja, quanto mais se relacionam com os brancos, ou mesmo com os mestiços, assegura-se o processo de brancura ou branqueamento.

4. CONCLUSÃO

A partir da análise do filme *Cores e Botas*, o presente artigo procura refletir sobre a ausência da diversidade na mídia, algo que era mais intenso na década de 1980, quando o *Xou da Xuxa* estreou na televisão aberta. No entanto, é preciso ressaltar que a demanda por diversidade ainda é uma reivindicação atual do povo negro no Brasil. É pertinente, neste ponto, que se recorra ao pensamento da professora Cláudia Regina Lahni. "Como fica o negro na mídia?" (Lahni, 2007, p.83), questiona a pesquisadora, pontuando que sua representação nos meios de comunicação não é muito diferente do que ocorre na realidade social.

A estudiosa aponta que hoje, mesmo sendo possível identificar mudanças no que se refere a esse assunto, elas ainda são bastante lentas, fazendo com que os negros, relegados à margem durante a escravidão, continuem excluídos, com "acesso precário ao estudo e emprego e também sem ser representados na sociedade (cargos político) e na mídia (jornalistas, atores e personagens que realmente identifiquem os afro-brasileiros)", (Lahni, 2007 p. 83). Em *O negro na mídia brasileira*, Maria Laura Barbosa Chaves também chama atenção para o fato de que, ao não dar visibilidade "à verdadeira composição racial brasileira", a mídia endossa fortemente a tendência perceptível em uma "parcela de negros, que buscam uma identificação com a parcela de brancos, que se dá pela identidade de branquitude, praticando assim, uma grande negação da diversidade racial brasileira)" (Chaves, 2008, 18).

Como bem mostra o curta-metragem, o apagamento do negro na mídia não afeta somente Joana, mas as pessoas à sua volta. Suas colegas de escola, as avaliadoras do teste, todos enxergam a pessoa branca como um padrão social, e quem foge dessa norma é excluído. Tanto é que, quando Joana faz sua inscrição para o teste, a avaliadora responsável diz: "Então você também vai querer ser paquita?" Diante da afirmativa da menina, a mulher diz: "Será que vamos ter uma paquita exótica?" (Cores..., 2010).

O filme mostra que o desejo e a atitude de Joana em tentar ser paquita são vistos com desdém, deboche ou algo anormal. Tal situação também pode ser observada por meio das feições das outras meninas na fila de espera para a realização do teste. A todo o momento, elas reagem de forma a reprovar a atitude de Joana. Anteriormente, uma delas já tinha questionado Joana sobre sua mãe tê-la deixado participar do teste. Ao responder que tinha a autorização da mãe para concorrer, a colega, que é uma menina loira, diz: "Você nem parece uma paquita" (Cores..., 2010).

De acordo com Fanon, os corpos dos negros são atravessados por olhares densos de incertezas. Olhares que, sobretudo na historicidade, foram produzindo os sujeitos negros como objetos, sem consciência, sujeitos atrasados mentalmente. A historicidade também é capaz de criar no imaginário uma condição ruim ou desfavorável, a qual pode ser entendida como algo obscuro, próximo da cor preta. Conforme Fanon, um "complexo inato" reinava sobre os corpos dos "homens de cor", sendo que para isso há uma solução:

> Como assim? Quando então eu tinha todos os motivos para odiar, detestar, rejeitavam-me? Quando então devia ser adulado, solicitado, recusavam qualquer reconhecimento? Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato,

> decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer. (FANON, 2008, p.108).

O roteiro criado pela diretora Juliana Vicente mostra que sua protagonista não encontra nada que traga suas características e referências no programa da Xuxa, como o cabelo, que inclusive ela tenta mudar para se adequar ao "padrão". Dessa forma, entre as leituras que o filme produz, está o fato de que só talento e determinação não são suficientes, pois, no caso de Joana, era necessário também estar encaixada em uma "norma" que exclui um universo de crianças negras. Todavia, a menina, após ser rejeitada, toma conhecimento de sua negritude, reconhece-se como tal, deixando o sonho de ser paquita para trás, para buscar o desejo de ser fotógrafa.

Cores e Botas traz à tona a importância da representação não somente para pessoas pretas, como também para as brancas, uma vez que a mídia tem o poder de influenciar a visão de mundo das pessoas, sendo assim, a carência de diversidade na mídia naturaliza e reforça a exclusão da pessoa preta na vida real, além de contribuir para o complexo de inferioridade.

Retomando *Pele negra, máscaras brancas*, é importante ressaltar aqui que Fanon desacredita da possibilidade de que o complexo de inferioridade esteja relacionado à cor da pele e critica a negação de que não há processos psíquicos pré-existentes à chegada dos europeus. Para ele, o que acontece é um tumulto de horizontes e de mecanismos psicológicos. Na questão da personalidade, o autor salienta que é necessário avaliar as relações internas entre a consciência e o contexto social e, a partir desse contexto social, agir na mudança das estruturas sociais, com objetivo de tomar consciência a "respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais" (FANON, 2008, p.96).

A fim de concluir, pode-se compreender que, ao longo *Pele negra, máscaras brancas*, é estruturado como o discurso do colonizador se insere tão fortemente no contexto do colonizado e como o colonizado, ao estar mais próximo do branco, coloca-se no patamar de autoridade, tornando-se um "quase-branco", algo que pode ser perceptível quando se observa a família criada para a protagonista de *Botas e cores*. Fanon, já nas páginas finais de sua obra, pontua que "o homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido" (FANON, 2008, p.180). Segundo o autor, enquanto o homem não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que continua sendo o tema de sua ação. "É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida" (FANON, 2008, p.180).

O autor de *Pele negra, máscaras brancas* ainda formula uma observação que serve de alerta para outros autores, apontando que a alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa. Para Fanon, sociedades burguesas são todas aquelas que se esclerosam "em formas determinadas, proibindo qualquer evolução, qualquer marcha adiante, qualquer progresso, qualquer descoberta" (FANON, 2008, p. 186). Ele chama de sociedade burguesa aquela que se encontra fechada, onde a vida não é boa e o ar, as ideias e as pessoas estão em estado de putrefação. "E creio que um homem que toma posição contra esta morte, é, em certo sentido, um revolucionário" (FANON, 2008, p. 186).

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Thais. **Xuxa diz só ter paquita loira por ser um padrão de beleza na época: "só tinha o que as crianças queriam ver".** Notícia Preta *[s.l.]*, 02 nov. 2020. Disponível em: https://noticiapreta.com.br/xuxa-diz-so-ter-paquita-loira-por-ser-um-padrao-de-beleza-na-epoca-so-tinha-o-que-as-criancas-queriam-ver/ Acesso em: 14 out. 2023.

CHAVES, Maria Laura Barbosa. **O negro na mídia brasileira**. 2008. Monografia (Trabalho de conclusão de curso para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social). Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.

Cores e botas. Direção: Juliana Vicente. Intépretes: Jhenyfer Lauren, Luciano Quirino, Dani Ornellas, Bruno Lourenço. Roteiro: Juliana Vicente. Brasil: Preta Portê Filmes, 2010. YouTube (15'50"). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYEygU0o. Acesso em: 10 abr. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: UFBA, 2008.

LAHNI, Claúdia Regina. **Rev. Cient. Cent. Univ. Barra Mansa** - UBM, Barra Mansa, v. 9, n. 17, Julho, 2007.

NOGUEIRA, Renato; ALVES, Luciana Pires. **Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e88362, 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688362. Acesso em: 20 mar. 2022.